

## CAPÍTULO 1

### AS GRAMÁTICAS E O TRATAMENTO DADO AO EMPREGO DO *PRESENT PERFECT*

Todo estudo envolvendo a questão é tema extenso. Existem várias gramáticas, de diferentes tipos, enfoques e prioridades. Observam-se desde as que apresentam apenas um conjunto rígido de normas até as que incluem uma série de variantes da língua. Quanto ao estudo do verbo, algumas obras apresentam uma descrição que, muitas vezes, reduz o uso de um tempo verbal a poucos empregos; outras, no entanto, apresentam não só a descrição do que é mais frequente, mas também importantes variações em uso, funcionando assim como obras de referência.

Quanto ao *Present Perfect*, nota-se que algumas gramáticas, consideradas obras de referência, possuem enfoque linguístico em relação a seus *aspectos*<sup>1</sup>, analisando esse tempo verbal inclusive em seus usos excepcionais; outras, no entanto, abrangem menos ângulos do problema, limitando-se à descrição de seus empregos mais frequentes, fato encontrado na maioria das obras didáticas.

Apenas como elucidação, cite-se uma peculiaridade do *Present Perfect*, apresentada por Leech (1971, p.31) em uma de suas obras de referência, porém, pouco descrita em obras didáticas: o efeito causado pela supressão de expressões adverbiais em frases que indicam um “estado que se prolonga até o presente”. Conforme o autor, não se pode afirmar, por exemplo, que a primeira oração da frase “*We have lived in London since last September*” signifique o mesmo que “*We have lived in London*”. Para Leech (op. cit.), a ausência de uma expressão adverbial de duração nessa situação, comumente, não indica um “estado”, mas um “evento” em um “passado indefinido”.

<sup>1</sup> Sobre *aspectos* do *Present Perfect*, cf. cap. 2.

Este capítulo, ao apresentar gramáticas da língua inglesa<sup>2</sup>, de diversas orientações teóricas, tem por objetivo mostrar diferentes enfoques gramaticais em relação ao *Present Perfect*. Para tanto, as gramáticas são analisadas por meio de um quadro demonstrativo dos empregos mais comuns desse tempo verbal.

Tal procedimento é necessário como suporte para o estudo desenvolvido no último capítulo, o qual, como mencionado anteriormente, trata não só da correspondência entre as ocorrências do *Present Perfect* registradas em edições norte-americanas e brasileiras da revista *National Geographic*, mas também do confronto entre, de um lado, o que é descrito para esse tempo verbal e, de outro, o que é efetivamente encontrado a seu respeito em situações reais de uso registradas no *corpus*. Antes, porém, são necessários conceitos importantes para esta obra.

## 1.1. O CONCEITO DE GRAMÁTICA

Uma gramática pode ter objetivos como, descrever o idioma, prescrever, ensinar, normatizar, conservar, acompanhar sua evolução histórica, compará-lo com outro idioma, analisá-lo à luz da Linguística. As gramáticas apresentam essas ou mais características e, conforme sua linha, prestam-se mais a alguns objetivos do que a outros. Em linhas gerais, pode-se dizer que um manual de gramática é um conjunto crítico e sistemático dos fatos da linguagem. Para Luft (1978, p.7), uma gramática tem por fim descrever o sistema de uma língua. É a análise interpretativa das formas atuais de uma língua em funcionamento, como meio de representação mental e comunicação social. Para o autor:

*O que capacita o falante a construir ou a interpretar quaisquer frases da língua é a gramática: sistema limitado de regras que gera frases ilimitadas – em número e extensão –, todas as frases bem formadas da língua, nem mais nem menos, ligando sentido e som, e aliando às frases geradas uma descrição estrutural. Toda gramática deve ser um esforço no sentido de explicitar esse sistema gerador de frases interiorizado pelos falantes (Luft, 1976, p.7).*

<sup>2</sup> A fim de buscar conformidade com o *corpus* fixado, bem como delimitar o objeto desta pesquisa, as gramáticas não são analisadas quanto às diferenças entre as variantes britânica e norte-americana.

Esta definição de Luft está baseada na teoria gerativo-transformacional<sup>3</sup>, segundo a qual a gramática é um sistema finito de regras que gera frases infinitas (em número e extensão). A teoria gerativo-transformacional revolucionou conceitos e trouxe uma ideia nova: a de que a linguagem humana é criativa, e de que a capacidade de um falante com determinado grau de instrução, por meio da qual ele consegue produzir um número ilimitado de frases, é que determina a *gramaticalidade* das frases da língua.

Não se pode, no entanto, resumir a gramática em uma única definição, pois toda gramática existe para uma finalidade, que pode ser normativa, descritiva, didática, entre outras; pode-se dizer que a finalidade da gramática condiciona a sua definição. Contudo, não é fácil classificar gramáticas por esse critério, pois dificilmente se encontram gramáticas rigorosas quanto à sua finalidade; normalmente a orientação é múltipla, e a concepção variável. De acordo com Neves:

*A concepção básica de gramática é a de um sistema de princípios que organiza os enunciados, pelo qual, naturalmente, os falantes nativos de uma dada língua se comunicam nas diversas situações de uso. Cada indivíduo de uma comunidade linguística tem natural conhecimento de sua língua materna, e põe em uso esse conhecimento nas mais diversas situações, numa simples ligação entre esquemas cognitivos e linguagem, isto é, em decorrência, simplesmente, de a linguagem ser uma das manifestações do funcionamento da mente (Neves, 2004, p.80).*

Uma vez aceito o fato de que o fenômeno linguístico é anterior à sua descrição gramatical, como explica Neves (2002, p.18), e a natureza e a função desta é descrever e interpretar os aspectos da língua, pode-se concluir que essa descrição [e interpretação] é relativa e não absoluta, podendo variar de acordo com a função a que se destina.

<sup>3</sup> Nos anos 50 e 60, a partir do trabalho do norte-americano Noam Chomsky (57, 65), a teoria gerativo-transformacional representou um movimento em oposição ao então predominante estruturalismo.

## 1.2. TIPOS DE GRAMÁTICA QUANTO À FUNCIONALIDADE

Basicamente, quanto à funcionalidade, pode-se considerar que as gramáticas se classificam em gramática de referência, gramática normativa e a própria gramática didática, a qual tem sido também orientada numa direção normativa.

### 1.2.1. A Gramática de Referência

Uma gramática de referência tem como objetivo oferecer um instrumental de referência a seus leitores. Normalmente apresenta capítulos extensos com bases teóricas bem definidas. Uma gramática de referência é geralmente dirigida a indivíduos que já possuem algum entendimento da língua como um fenômeno universal: professores, linguistas e estudiosos, que buscam referência para pontos específicos do funcionamento da língua. De acordo com Seibert (2000, p.1), uma gramática de referência geralmente apresenta uma seção introdutória, ou capítulo à parte, contendo um *background* sobre a língua em estudo e seus falantes, incluindo temas como: demografia, dialetos, etnografia, entre outros. Portanto, pode-se dizer que uma gramática de referência trata as funções semânticas e comunicativas da língua dentro de um sistema de interações sociais.

### 1.2.2. A Gramática Normativa

Uma gramática normativa tem como objetivo apresentar um ordenamento lógico e conceitual, e, como o próprio nome define, estabelecer normas que determinem o que é apropriado, ou não, no uso do idioma. Daí surge a noção de *certo* e *errado*, tão condenada por alguns autores. Este conceito normativo, de acordo com Luft (1978, p.7), está ligado à gramática enquanto disciplina orientadora e reguladora. Essa gramática procura estabelecer um padrão de bem falar e bem escrever, além de codificar um uso modelar. Contudo, nota-se que esse uso, ao longo da história pautado pela linguagem das classes cultas e dos escritores consagrados, tem repellido outras formas vivas e frequentes da língua por não pertencerem ao padrão estabelecido. Segundo Neves:

*Quando se dizia, ao longo da história, que as gramáticas registravam paradigmas, o que se dizia é que elas registravam não apenas esquemas, mas, ainda, modelos. Por exemplo, o*

*tão comum registro das conjugações verbais (como: eu vou, tu vais, ele vai, nós vamos...), aparentemente o simples registro de um esquema neutro e descritivo que se auto-sustenta, é, na verdade, o registro de um parâmetro modelar, que exclui, por exemplo, formas como tu vai, nós vai, e que não abriga, portanto, o esquema completo das realizações efetivas, e, mais que isso, que erige e consagra um sistema que cala e desconhece qualquer outra forma que não as que compõem o paradigma, por mais vivo que esteja seu uso (Neves, 2004, p.56).*

Bechara (1989) afirma que o ensino dessa gramática pertence mais à educação que à instrução. De acordo com o autor:

*O ensino da gramática normativa pretende mostrar ao falante como dizer isso e repelir aquilo para atender aos usos e seleções esperados de uma pessoa culta. É uma atitude modelar diante da língua... (Bechara, 1989, p.50).*

### **1.2.3. A Gramática Didática**

O termo *didática* é frequentemente usado com o sentido de atividade bem preparada, adequada à aprendizagem de um determinado assunto. Uma gramática didática, guiada pela razão técnica ou instrumental, busca meios para que o conteúdo gramatical seja adequadamente assimilado. Geralmente contém capítulos menos extensos do que uma gramática de referência, oferecendo exercícios e exemplos que visam à prática e à internalização de várias estruturas da língua, bem como ao vocabulário e à pronúncia, entre outros. Desta forma, pode-se dizer que a gramática didática tem sido orientada também numa direção normativa. Para Bechara (op. cit.), toda gramática que tenta codificar e fixar o chamado uso idiomático assume um papel originariamente didático.

### **1.3. TIPOS DE GRAMÁTICA QUANTO À ORIENTAÇÃO TEÓRICA**

Quanto à orientação teórica, várias gramáticas poderiam ser citadas, desde a tradicional até a funcional. No entanto, são conceituadas aqui apenas as gramáticas gerativa e funcional.

### 1.3.1. A Gramática Gerativa

Como citado anteriormente, a teoria gerativo-transformacional surgiu nos anos 50 a partir do trabalho de Noam Chomsky. Até então, durante a primeira metade do século passado, a história da Linguística era marcada pelo enfoque estruturalista, com bases implantadas por Saussure na Europa e por Bloomfield nos Estados Unidos. Para explicar o conceito de gramática gerativa, no entanto, é necessário lembrar duas correntes filosóficas distintas: a empirista e a racionalista. A primeira dá base à linguística estrutural, que aplica o método indutivo e a técnica da experimentação para chegar às leis e princípios que regem a linguagem. A segunda fundamenta a linguística gerativa, que aplica o método dedutivo e crê na validade de hipóteses sobre a natureza e funções da linguagem. Convém ainda lembrar algumas acepções dos termos *gerar* e *gerativo*; de acordo com Borba (1976, p. 24) ambos procedem das ciências matemáticas e se aplicam a um conjunto finito de regras que definem recursivamente um conjunto infinito de objetos. Transferindo essas noções para o contexto linguístico pode-se dizer que, para essa corrente, a gramática é um sistema finito de regras que, de maneira bem definida, gera frases infinitas em número e extensão, atribuindo às frases geradas uma descrição estrutural. Enquanto a linguística estrutural trata a língua por meio da experimentação e descrição de dados fornecidos (visão taxonômica), a linguística gerativa vem tratar a língua como inventividade e força criadora (visão transformacional), procurando explicar os fatos linguísticos e não apenas descrevê-los. Dessa forma, a gramática gerativa é uma proposta que pode ser entendida como fortemente oposta às gramáticas tradicionais, como indica Nique:

*As gramáticas tradicionais e estruturais são modelos taxionômicos da língua, ao passo que a gerativa pretende ser um modelo explicativo, que deseja não só elaborar um inventário dos elementos linguísticos, mas também, explicar o seu funcionamento, a regularidade de cada língua, os universais da linguagem, e o fenômeno de criatividade. Nesse sentido, as gramáticas taxionômicas são, ao mesmo tempo, anteriores à gramática gerativa e necessárias para ela: as primeiras descrevem os fatos que a segunda explica (Nique, 1974, p.25).*

### 1.3.2. A Gramática Funcional

Uma gramática de base funcionalista tem como objetivo trabalhar os aspectos gramaticais dentro do próprio texto, sem buscar pura e simplesmente definições e sistematizações. De um ponto de vista funcionalista, a gramática é o modo pelo qual se verifica como a língua é usada por seus falantes, e não apenas uma somatória de normas e regras; ela é um meio, e não um fim em si própria. Dentro deste paradigma, uma língua é conceituada como um instrumento de interação social entre seres humanos, usada a fim de estabelecer relações comunicativas. Em geral, a abordagem funcionalista pode ser diferenciada da formal justamente pelo seu foco no aspecto comunicativo da língua, uma vez que suas raízes se encontram mais na sociologia do que na psicologia. Os princípios funcionalistas, de acordo com Neves (2002, p. 11), colocam como objeto a competência comunicativa do falante e estudam essencialmente a língua em uso.

Tais princípios, dentro da Linguística, referem-se a uma abordagem gramatical que pretende compreender como a língua funciona para realizar uma variedade de diferentes propósitos comunicativos adequados a diferentes situações de contexto. Desta maneira, como afirma Lock (1996), o foco, em uma gramática de base funcionalista, não é a mera distinção entre forma gramatical e não-gramatical, mas sim o estudo da propriedade de uma particular forma voltada para um particular propósito comunicativo dentro de um particular contexto. É o que se pode verificar neste trecho da obra:

*The functional grammar approach sees language first and foremost as a system of communication and analyzes grammar to discover how it is organized to allow speakers and writers to make and exchange meanings. Rather than insisting on a clear distinction between grammatical and ungrammatical forms, the focus is usually on the appropriateness of a form for a particular communicative purpose in a particular context (Lock, 1996, p.1).<sup>4</sup>*

<sup>4</sup> A gramática funcional trata a língua primordialmente como um sistema de comunicação e analisa a gramática para descobrir como a língua é organizada, a fim de permitir que seus usuários produzam e troquem sentidos. Em vez de insistir sobre uma distinção clara entre formas gramaticais e não-gramaticais, a gramática funcional tem como foco, geralmente, o estudo da propriedade de uma forma particular, voltada para um propósito comunicativo particular, dentro de um contexto particular (Tradução minha).

## 1.4. A ANÁLISE DE ALGUMAS GRAMÁTICAS

Neste capítulo, algumas gramáticas de diferentes orientações teóricas são colocadas em confronto com a gramática de referência de Geoffrey Leech (1971), a qual apresenta bases teóricas bem definidas. Antes desse confronto, apresentado por meio de um quadro demonstrativo dos empregos mais comuns do *Present Perfect*, é necessário um comentário sobre cada uma das gramáticas que compõem esta análise.

### 1.4.1. A gramática de referência de Geoffrey Leech

A gramática de referência de Geoffrey Leech, *Meaning and the English Verb*, publicada inicialmente em 1971 pela Editora Longman, e reeditada até os dias atuais, tem sua tradução para a língua portuguesa em 1989 pela Editora Ática, com o título *O significado no verbo inglês*, obra utilizada neste trabalho. O objetivo do livro é descrever as questões do emprego do verbo, sistemática e detalhadamente, a professores e estudantes adiantados da língua inglesa como segunda língua ou língua estrangeira, bem como a qualquer pessoa que se interesse pelas sutilezas do emprego da língua inglesa. A obra *Meaning and the English Verb*, segundo o próprio autor, decorre da necessidade de um livro que coordene e torne mais acessível o que se pode aprender na literatura acadêmica referente à *semântica do verbo*, *aspecto* e *modalidade*, explicando sistematicamente a semântica da frase verbal finita da língua inglesa de maneira descompromissada com a sintaxe e a morfologia. Com esse objetivo, o autor tenta repensar o assunto à luz dos desenvolvimentos na área da semântica, que resultaram num aperfeiçoamento dos métodos empregados na análise do significado. Como em toda obra de referência, os usos excepcionais e as irregularidades da língua não são ignorados, ao contrário, observa-se que muito do livro é destinado à tarefa de estudá-los. O termo *tempo* é usado não apenas para indicar uma distinção básica entre Passado e Presente, mas também para indicar as subcategorias Presente Perfeito, Passado Progressivo, entre outras. O termo *aspecto* é reservado às categorias básicas de modificação Perfeita e Progressiva.

O tipo de inglês que o autor descreve pode ser chamado de “inglês britânico padrão contemporâneo”. No entanto, segundo o autor, as discrepâncias entre o inglês americano e o britânico, bem como as variações de estilo, são apontadas sempre que importantes. A obra, portanto, necessariamente simpli-

fica um quadro um tanto quanto complexo e os símbolos “IB” (inglês britânico) e “IA” (inglês americano) podem, quando muito, ser considerados como ilustradores do uso típico em seus respectivos países. O livro consiste em sete unidades, sendo o *Present Perfect* abordado na unidade três, *A expressão do passado*, em que o autor apresenta quatro usos para o *Present Perfect*, um dos quais com verbos de *estado* e três com verbos de *evento*: a) *estado que se prolonga até o presente*, b) *passado indefinido*, c) *hábito em um período que conduz até o presente*, d) *passado resultante*.

#### 1.4.2. A gramática de Dave Willis

A gramática *Collins Cobuild Student's Grammar*, de 1996, publicada pela Editora Harper Collins Publishers, é um trabalho que tem seu material prático elaborado por Dave Willis. A abordagem da *Collins Cobuild* para a gramática é simples e direta. Estuda-se uma larga coleção de textos, extraídos de um banco de dados (*Collins Birmingham University International Language Database*), e descobre-se como as pessoas estão utilizando a língua. Nesse sentido, pode-se dizer que a obra é, além de descritiva, de base funcionalista, pois descreve a língua em funcionamento. De acordo com seus editores, o banco de dados é o único que monitora e registra a maneira com que a língua inglesa é realmente usada atualmente, oferecendo amostras do padrão britânico e americano, todas extraídas de jornais, revistas, livros, televisão, rádio, entre outras fontes. Dessa maneira, o estudante entra em contato com a língua inglesa da forma como ela é realmente usada. No entanto, a obra não exclui a prescrição dos principais pontos gramaticais, localizados no início de cada unidade sob o título *main points*. Assim, o livro pretende apresentar o uso da língua sem deixar de apresentar importantes tópicos normativos. Trata-se de uma gramática que alia significados a estruturas por meio de explicações e exemplos reais seguidos de vários exercícios. O livro é elaborado para alunos de nível intermediário-avançado e consiste em 100 unidades, das quais apenas uma aborda o *Present Perfect*.

#### 1.4.3. A gramática de Raymond Murphy

A gramática de Raymond Murphy, *Grammar in Use*, de 1997, publicada pela Cambridge University Press, é especialmente útil nos casos em que, na visão do professor, os materiais de curso existentes não oferecem cobertura

adequada da gramática. O livro é destinado a alunos de nível intermediário-avançado que já estudaram as estruturas básicas da língua inglesa; no entanto pode ser útil também a alunos mais avançados que ainda cometem muitos erros gramaticais e que necessitam de um livro para referência. O livro oferece, de um lado, a prescrição, por meio da apresentação de várias regras gramaticais, de outro, os exercícios (*drills*), que objetivam a fixação das regras estudadas. Dessa forma, o livro de Raymond Murphy pode ser considerado, por seu caráter prescritivo e por seus exercícios repetitivos que visam à automatização de algumas estruturas, uma gramática normativa. Consiste em 124 unidades, cada qual abordando um ponto particular da gramática, contudo, nota-se que alguns assuntos, os mais complexos, são discutidos em mais de uma unidade, a exemplo do *Present Perfect* que é estudado em 5 unidades ao todo.

#### **1.4.4. A gramática de Michael Swan & Catherine Walter**

A gramática de Michael Swan e Catherine Walter, *The Good Grammar Book*, de 2001, publicada pela Oxford University Press, apresenta a gramática do inglês britânico, embora possa também ser usada por alunos americanos, australianos, ou demais alunos que usem outras variações da língua inglesa. De acordo com os autores não é necessário trabalhar numa sequência, do início ao fim do livro; cabe ao professor decidir o que ensinar e em qual ordem fazê-lo, portanto o livro é mais bem usado de forma seletiva e flexível. O livro, de enfoque normativo, é elaborado para alunos de nível intermediário-avançado e consiste em 21 seções. Cada seção aborda, por meio de vários tópicos, uma parte da gramática da língua inglesa. O *Present Perfect* é discutido na seção *Perfect Tenses*, em 5 tópicos.

#### **1.4.5. A gramática de Graham Lock**

A obra de Graham Lock, *Functional English Grammar*, de 1996, publicada pela Cambridge University Press, é uma gramática de base funcionalista. Embora existam vários trabalhos que proporcionem descrições gramaticais da língua inglesa, bem como muitas gramáticas de referência disponíveis ao professor de línguas, o livro apresenta um enfoque diferente em relação à maioria das gramáticas. O termo *funcional*, cujos significados foram discutidos no item 1.3.2. deste trabalho, refere-se, na obra de Graham Lock, a uma abordagem gramatical que busca saber como a língua funciona para exe-

cutar uma variedade de diferentes propósitos comunicativos. Discute-se, por exemplo, como o propósito com o qual a língua é usada, bem como o contexto em que ela aparece, afetam as escolhas de seus falantes. Explicam-se as relações entre diferentes elementos da gramática e como eles interagem para criar sentidos no contexto. Graham Lock baseia-se, em particular, no trabalho de M.A.K. Halliday (73, 75, 78, 89, 94) cuja abordagem tem sido usada em vários estudos linguísticos. O livro é, portanto, uma introdução à perspectiva funcional sobre a gramática da língua inglesa. Elaborado com vários exemplos autênticos para ilustrar como *forma* e *função* são inter-relacionados no uso da língua, o livro é de particular interesse a professores de língua. A análise de categorias gramaticais e as explicações de problemas típicos que alunos de uma segunda língua têm em relação à aquisição de vários aspectos da gramática podem proporcionar a professores uma melhor compreensão da natureza da gramática. O primeiro capítulo fornece uma orientação sobre a gramática funcional e introduz vários conceitos básicos, entre os quais os conceitos de *formal* e *funcional*. Os capítulos subsequentes exploram: *representação de vários tipos de processo, representação de tempo, interação, expressão de atitudes e julgamentos, criação de sentenças complexas, organização de mensagens coerentes e relevantes para o contexto*, entre outros temas. O último capítulo explora questões de ensino e aprendizagem da gramática e analisa opções metodológicas para o ensino de gramática na sala de aula. Os exemplos usados para análise são, em sua maioria, autênticos e extraídos de uma série de fontes contemporâneas da língua. O *Present Perfect* é discutido no capítulo 8, *Representing time*.

## **1.5. A ORIENTAÇÃO DAS GRAMÁTICAS EM RELAÇÃO AO EMPREGO DO PRESENT PERFECT**

Na análise que se apresenta a seguir, tomam-se como referência e, ao mesmo tempo, ponto de partida, os empregos do *Present Perfect* registrados na obra de referência de Geoffrey Leech, *Meaning and the English Verb*, citada em 1.4.1. A partir das observações do autor, são traçadas comparações com as descrições encontradas nas demais gramáticas, citadas de 1.4.2. a 1.4.5. Os quadros seguintes apresentam as referências de Leech (1971), em citações diretas, comparadas às descrições das demais gramáticas, em citações indiretas.

<p><b>MEANING AND THE ENGLISH VERB</b> GEOFFREY LEECH</p>	<p><b>COLLINS COBUILD STUDENT'S GRAMMAR</b> DAVE WILLIS</p>	<p><b>GRAMMAR IN USE</b> RAYMOND MURPHY</p>	<p><b>THE GOOD GRAMMAR BOOK</b> MICHAEL SWAN &amp; CATHERINE WALTER</p>	<p><b>FUNCTIONAL ENGLISH GRAMMAR</b> GRAHAM LOCK</p>
<p><b>1- Estado que se prolonga até o presente:</b></p> <p><b>a)</b> Com verbos de estado, o envolvimento presente significa que o estado se estende ao longo de um período que vem até o momento presente. Exemplo: – <i>We have lived in London since last year.</i> Este uso de estado do Presente Perfeito é geralmente acompanhado por um sintagma adverbial de duração.</p> <p><b>b)</b> A ausência de um sintagma adverbial de duração comumente não indica estado, mas um evento em um passado indefinido.</p> <p><b>c)</b> Há exceções, todavia, quando um período que vem até o presente, mesmo não mencionado claramente por um sintagma adverbial de duração, fica implícito pelo contexto ou pelo significado da oração. Em “<i>He has lived a good life</i>”, fica subentendida a duração até o presente, pois aí está implícito o período “<i>during his life</i>” (Leech, 1971, p.31).</p>	<p><b>a)</b> O único caso apontado com verbo de estado é acompanhado por um sintagma adverbial de duração: - <i>Have you really lived here for ten years?</i></p> <p><b>b)</b> Não há qualquer exemplo que mostre o efeito de sentido provocado com a ausência de um sintagma adverbial de duração.</p> <p><b>c)</b> Não são apresentados casos em que a ausência de um sintagma adverbial de duração, não implica desvinculação com o presente.</p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Willis (1996, p.88).</p>	<p><b>a)</b> São várias frases que indicam estado, algumas marcadas por sintagmas adverbiais de duração, outras não: - <i>Carlos has lived in Argentina all his life.</i> - <i>Fred has been sick a lot in the past few years.</i> - <i>Bill and I have known each other since high school.</i> - <i>He has been to Italy.</i> - <i>I have been to 47 different countries.</i></p> <p><b>b)</b> Existem exemplos, como os dois últimos, sem sintagma adverbial de duração: - <i>He has been to Italy.</i> - <i>I have been to 47 different countries.</i> Contudo, não há qualquer menção sobre a diferenciação entre “estado” e “evento”.</p> <p><b>c)</b> Não são apresentados casos em que a ausência de um sintagma adverbial de duração, não implica desvinculação com o presente.</p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Murphy (1997, p.26-40).</p>	<p><b>a)</b> Todas as frases com verbos de estado apontadas nesse livro possuem sintagma adverbial de duração: - <i>Carlos has lived in Argentina all his life.</i> - <i>Carlos has always lived in Argentina.</i> - <i>Fred has been sick a lot in the past few years, hasn't he?</i> - <i>They have been married for 20 years.</i> - <i>John has always lived in Caracas.</i> - <i>Bill and I have known each other since high school.</i></p> <p><b>b)</b> Não há qualquer exemplo que mostre o efeito de sentido provocado com a ausência de um sintagma adverbial de duração.</p> <p><b>c)</b> Não são apresentados casos em que a ausência de um sintagma adverbial de duração, não implica desvinculação com o presente.</p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Swan e Walter (2001, p.51-70).</p>	<p><b>a)</b> O único caso apontado com verbo de estado é acompanhado por um sintagma adverbial de duração: - <i>There has been a place of worship on this spot for at least a thousand years.</i></p> <p><b>b)</b> Não há qualquer exemplo que mostre o efeito de sentido provocado com a ausência de um sintagma adverbial de duração.</p> <p><b>c)</b> Não são apresentados casos em que a ausência de um sintagma adverbial de duração, não implica desvinculação com o presente.</p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Lock (1996, p.157-158).</p>

QUADRO 1: Estado que se prolonga até o presente. Um confronto entre a descrição de Leech e a de outras gramáticas.

MEANING AND THE ENGLISH VERB GEOFFREY LEECH	COLLINS COBUILD STUDENT'S GRAMMAR DAVE WILLIS	GRAMMAR IN USE RAYMOND MURPHY	THE GOOD GRAMMAR BOOK MICHAEL SWAN & CATHERINE WALTER	FUNCTIONAL ENGLISH GRAMMAR GRAHAM LOCK
<p><b>2-Passado indefinido:</b> Com os verbos de evento o Presente Perfeito pode se referir a um acontecimento indefinido no passado: <i>Have you been to America? He's a man who has experienced suffering. I've known them to strike their children in front of visitors. All my family have had measles.</i> Frequentemente o significado indefinido é reforçado por advérbios, especialmente por <b>ever, never ou before (now)</b>. Aqui, "indefinição" significa duas coisas: em primeiro lugar, o número de eventos não é especificado – pode ser um ou mais de um; em segundo lugar, o tempo é deixado sem especificação. Portanto, para sermos mais específicos, o significado do Presente Perfeito, aqui, é de "pelo menos uma vez antes de agora". O número de eventos, de fato, pode ser mencionado através de expressões adverbiais: <i>I've been to America three times</i>; mas, se não houver nenhum advérbio de tempo para especificarmos o tempo exato, o Presente Perfeito torna-se inadequado, sendo normalmente substituído pelo Passado Simples (Leech, 1971, p. 32).</p>	<p>Na gramática de Dave Willis há apenas duas frases que se assemelham às descrições de Leech para o significado de passado indefinido: - Have you heard from Jill recently? - <i>Karen has just passed her exams.</i> As frases, no entanto, parecem representar uma subcategoria do significado de passado indefinido: a de passado indefinido recente que, por sua associação com os advérbios <b>just, already, recently, etc</b>, distingue-se, em parte, do significado de passado indefinido mais geral.  Observações registradas a partir da análise da descrição de Willis (1996, p.88).</p>	<p>São apresentadas várias frases com o uso do passado indefinido, no entanto, nas frases apresentadas, a exemplo do que ocorre em outras gramáticas, o significado do passado indefinido fica difícil, ou impossível, de ser diferenciado do uso do passado resultante: - <i>Carol has sold her house.</i> - <i>Robert has finished his course.</i> - <i>I've lost my key.</i> - <i>They have arrived.</i> - <i>I've bought a new car.</i></p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Murphy (1997, p.26-40).</p>	<p>São apresentadas várias frases com o uso do passado indefinido, no entanto, nas frases apresentadas, a exemplo do que ocorre em outras gramáticas, o significado do passado indefinido fica difícil, ou impossível, de ser diferenciado do uso do passado resultante: - <i>Ann has bought a new coat.</i> - <i>Eric has made a cake.</i> - <i>Ann has cut all her hair off.</i></p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Swan e Walter (2001, p.51-70).</p>	<p>Nos exemplos da gramática de Graham Lock o significado do passado indefinido às vezes fica difícil, ou impossível, de ser diferenciado do uso do passado resultante: - <i>It has been discovered by the world.</i> - <i>Officially a part of the French patrimony, it has been classified as a monument historique.</i> - <i>The new gastronomic era has brought to our shores some delicious olive oil.</i></p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Lock (1996, p. 157-158).</p>

QUADRO 2: Passado indefinido. Um confronto entre a descrição de Leech e a de outras gramáticas.

<p><b>MEANING AND THE ENGLISH VERB</b> <b>GEOFFREY LEECH</b></p>	<p><b>COLLINS COBUILD STUDENT'S GRAMMAR</b> <b>DAVE WILLIS</b></p>	<p><b>GRAMMAR IN USE</b> <b>RAYMOND MURPHY</b></p>	<p><b>THE GOOD GRAMMAR BOOK</b> <b>MICHAEL SWAN &amp; CATHERINE WALTER</b></p>	<p><b>FUNCTIONAL ENGLISH GRAMMAR</b> <b>GRAHAM LOCK</b></p>
<p><b>3-Hábito em um período que conduz até o presente:</b> O uso habitual, ou iterativo, do Presente Perfeito com verbos de evento fica ilustrado por estes exemplos: <i>Mr. Phillips has sung in this choir for fifty years. // I have always walked to work.</i> Desde que um hábito é um estado que consiste em eventos repetidos, este uso se assemelha muito ao uso "de estado" do Presente Perfeito descrito no primeiro quadro. Como aí se observou, o hábito ou estado pode continuar através do momento presente até o futuro, e um sintagma adverbial de duração se faz normalmente necessário: <i>Mr. Phillips has sung in this choir</i>, sem um sintagma adverbial, acaba por tornar-se um exemplo do significado de passado indefinido. Muitas vezes, o elemento de hábito é enfatizado por uma expressão adverbial de frequência: <i>The machine has been serviced EVERY MONTH since we bought it</i> (Leech, 1971, p.31).</p>	<p>Existe o registro do uso habitual, ou iterativo, por meio da seguinte frase: - <i>He has worked here since 1987.</i> Contudo, a frase acima é apresentada juntamente com outra frase que, de acordo com a descrição de Leech, estaria prevista como um exemplo do primeiro emprego: - <i>Have you really lived here for ten years?</i> Na gramática, ambos os exemplos são abordados num único caso, o que leva a crer que a gramática de Dave Willis não faz distinção entre os seguintes empregos: Estado que se prolonga até o presente e Hábito em um período que conduz até o presente, respectivamente, o primeiro e o terceiro empregos descritos por Leech.  Observações registradas a partir da análise da descrição de Willis (1996, p.88).</p>	<p>O uso habitual, ou iterativo, é marcado pela presença das seguintes frases: - <i>I haven't smoked for three years.</i> - <i>I haven't smoked since September.</i> - <i>Jill hasn't written to me for nearly a month.</i> - <i>He hasn't written to me lately.</i> - <i>My father has always worked hard.</i> Todas as frases são compostas por um sintagma adverbial de duração, contudo não há qualquer exemplo que mostre qual seria o efeito de sentido dessas frases se não fossem acompanhadas pelos respectivos sintagmas.  Observações registradas a partir da análise da descrição de Murphy (1997, p.26-40).</p>	<p>Frases com o significado de hábito, nessa gramática, dão lugar a frases com o significado de estado, como se verifica nos seguintes exemplos: - <i>I've been here since Tuesday.</i> - <i>I've known Mary since 1980.</i> - <i>I've had this car since April.</i> Todas as frases são compostas por um sintagma adverbial de duração, contudo não há qualquer exemplo que mostre qual seria o efeito de sentido dessas frases se não fossem acompanhadas pelos respectivos sintagmas.  Observações registradas a partir da análise da descrição de Swan e Walter (2001, p.51-70).</p>	<p>Não são apresentados exemplos de frases com o uso habitual, ou iterativo, do <b>Present Perfect</b>.</p>

QUADRO 3: Hábito em um período que conduz ao presente. Um confronto entre a descrição de Leech e a de outras gramáticas.

MEANING AND THE ENGLISH VERB GEOFFREY LEECH	COLLINS COBUILD STUDENT'S GRAMMAR DAVE WILLIS	GRAMMAR IN USE RAYMOND MURPHY	THE GOOD GRAMMAR BOOK MICHAEL SWAN & CATHERINE WALTER	FUNCTIONAL ENGLISH GRAMMAR GRAHAM LOCK
<p><b>4-Passado resultante:</b> O Presente Perfeito também é usado para se implicitar que o resultado de um evento ainda está em operação no presente. Este significado fica mais evidente nos verbos de evento transitório, que denotam a passagem de um estado para outro. O estado final (e presente) subentendido pelo Perfeito é indicado entre parênteses, nos seguintes exemplos: <i>The taxi has arrived ( The taxi is now here); She has been given a camera (She now has the camera); I've recovered from my illness ( I'm now well again); Someone has broken her doll (The doll is now broken).</i></p> <p>Em outros exemplos, a inferência resultante ainda permanece, embora não tão óbvia, se considerarmos o significado do verbo: <i>I've had a bath (I'm now clean); He's cut his hand with a knife (The cut is still there).</i></p> <p>O significado resultante dispensa o apoio de expressões adverbiais. Às vezes, ele fica indistinguível (ou, pelo menos, difícil de distinguir) do uso do passado recente indefinido (Leech, 1971, p. 34).</p>	<p>Na gramática de Dave Willis não há frases que apresentem claramente a inferência resultante descrita por Leech para esse emprego. No entanto, uma das frases se aproxima de sua descrição:</p> <p>- I'm afraid I've forgotten my book.</p> <p>Na frase, a inferência resultante não é tão óbvia, a exemplo de frases semelhantes apresentadas por Leech, e que mostram o mesmo problema.</p> <p>Além disso, o uso da frase acima se assemelha muito ao uso do passado recente indefinido, o que confirma a explicação de Leech a respeito da possível dificuldade em distinguir o passado resultante do passado recente indefinido.</p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Willis (1996, p.88).</p>	<p>São apresentadas várias frases com o uso do passado resultante, no entanto, nas frases apresentadas, a exemplo do que ocorre em outras gramáticas, o significado do passado resultante fica difícil, ou impossível, de ser diferenciado do uso do passado indefinido, principalmente quando a inferência resultante não é tão óbvia:</p> <p>- <i>Carol has sold her house.</i> - <i>Robert has finished his course.</i> - <i>I've lost my key.</i> - <i>They have arrived.</i> - <i>I've bought a new car.</i></p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Murphy (1997, p.26-40).</p>	<p>São apresentadas várias frases com o uso do passado resultante, no entanto, nas frases apresentadas, a exemplo do que ocorre em outras gramáticas, o significado do passado resultante fica difícil, ou impossível, de ser diferenciado do uso do passado indefinido, principalmente quando a inferência resultante não é tão óbvia:</p> <p>- <i>Ann has bought a new coat.</i> - <i>Eric has made a cake.</i> - <i>Ann has cut all her hair off.</i></p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Swan e Walter (2001, p.51-70).</p>	<p>Nos exemplos da gramática de Graham Lock o significado do passado resultante às vezes fica difícil, ou impossível, de ser diferenciado do uso do passado indefinido:</p> <p>- It has been discovered by the world. - Officially a part of the French patrimony, it has been classified as a monument historique. - The new gastronomic era has brought to our shores some delicious olive oil.</p> <p>Observações registradas a partir da análise da descrição de Lock (1996, p.157-158).</p>

QUADRO 4: Passado resultante. Um confronto entre a descrição de Leech e a de outras gramáticas.

Tais empregos do *Present Perfect*, apresentados por Leech (1971), são os que servem de base para a análise final empreendida no último capítulo deste trabalho. As descrições apresentadas neste capítulo, juntamente com as ocorrências apresentadas no último capítulo, são úteis na análise final em que se pretende um ensaio dentro da dicotomia *descrição-uso*.

Por ora, o desenvolvimento dos conceitos de *aspecto* e *tempo*, tema do capítulo seguinte, visa não só fornecer fundamentação teórica para a compreensão de dificuldades inerentes ao estudo desse tempo verbal, mas também fixar conceitos necessários utilizados na análise final.